



CAFIERO, Carlota. No grito: Campinas tem a chance de (re)descobrir a obra de um de seus maiores artistas na mostra 'Egas Francisco, a Solidão e o Grito'. Correio Popular, Campinas, 08 out. 2002.

CAMPINAS TEM A
CHANCE DE
(RE)DESCOBRIR A
OBRA DE UM DE SEUS
MAIORES ARTISTAS NA
MOSTRA 'EGAS
FRANCISCO, A SOLIDÃO
E O GRITO'

CARLOTA CAFIERO
Do Correio Popular
carlota@cpopular.com.br

As mãos de Egas Francisco, os anônimos das ruas se transformam em celebração e as celebridades perdem todo o glamour. Com suas tintas e pincéis, Egas revela o sagrado do humano e vice-versa, através de uma pintura pulsante, que mergulha no expressionismo. Artista reconhecido em várias partes do mundo, principalmente na Itália e Alemanha, onde chegou a morar, Egas é parte da história cultural de Campinas e dela se orgulha. Pois chegou a hora da cidade conhecer melhor e se orgulhar do artista através de uma grande exposição chamada *Egas Francisco, a Solidão e o Grito*, dentro do projeto Artistas de Sempre, que reunirá 70 telas e 20 desenhos e aquarelas no Museu de Arte Contemporânea de Campinas "José Pancetti" (Macc).

A exposição abre hoje, às 20h, somente para convidados. Mas amanhã, a partir das 9h, já estará aberta a todo o público, até o dia 16 de novembro. A curadoria foi feita por Egas, com palpites da coordenadora e curadora do Macc Mirna Vasconcelos e do historiador de arte Emerson Dionísio (que escreveu o texto de apresentação no catálogo). O projeto Artistas de Sempre é uma realização da Secretaria Municipal de Cultural, Esportes e Turismo de Campinas.

Egas é o segundo artista a receber homenagem dentro do projeto. O primeiro a ter uma grande mostra do seu trabalho foi o pintor Mário Bueno (1916-2001), homenageado postumamente este ano, numa exposição que terminou com a doação de um dos quadros do artista ao acervo do Macc.

Egas Francisco, a Solidão e o Grito traz obras que datam desde os anos 50, com ênfase nas produções mais recentes. As aquarelas e desenhos foram especialmente selecionadas para compor um canto à parte da exposição de telas. "Seus desenhos representam um acervo particular de

Egas, quase nunca exposto, e revelam a forma do artista criar, através de esboços e estudos, antes de chegar à tela. Também serão expostas algumas ferramentas de trabalho como paletas, tintas e pincéis", conta a coordenadora do museu.

Não houve em Campinas um artista que retratasse com a mesma força e igualdade tanto figuras cotidianas das ruas de Campinas quanto artistas do teatro, da música e, principalmente, do cinema – segunda paixão de Egas depois da pintura. É essa característica que a exposição no Macc irá revelar.

Como um paralelo entre fantasia e realidade, Egas retratou a Gilda das telas e a "Gilda" do centro da cidade. A primeira foi vivida no filme homônimo pela musa americana Rita Hayworth, a segunda, uma mulher que, após assistir ao filme homônimo num cinema em Campinas, resolveu encarnar a personagem, tomando-lhe o nome emprestado e perambulando pelas ruas vestida como musa de cinema.

A escritora Hilda Hilst, as atrizes Fernanda Montenegro e Greta Garbo, o cantor Caubi Peixoto, o roqueiro Lotus (outro tipo famoso das ruas de Campinas) são alguns dos nomes revirados pelo pincel de Egas, que parece captar a alma dos retratados. Aliás, um dos artistas mais pintados por Egas é ele próprio – em seu acervo, há mais de 70 auto-retratos.

"Egas está muito feliz com a exposição", disse Mirna. "É uma pessoa carismática, e foi um prazer enorme trabalhar com ele. O que mais gosto em sua pintura é o tratamento cênico. Egas transpõe um cidadão comum para uma cena. Dessa forma, qualquer retratado vira personagem. Também destaco em sua pintura a intensidade das cores e o volume das pinceladas", elogia.

A obra mais recente que estará exposta se chama *A Pietá da 13 de Maio*, uma mulher que esmola no calçadão da Rua 13 de Maio, no centro de Campinas, captada pelo olhar sensível de Egas. "Ele está muito atento aos dramas urbanos. Egas é um artista que transita muito pelas ruas da cidade e nelas se inspira", diz Mirna. Para o historiador Emerson Dionísio, Egas é um artista que se aproxima do cotidiano com olhar apaixonado.

O COMEÇO

Egas Francisco Sampaio de Souza nasceu em São Paulo, em 1939. Autodidata, começou cedo seus estudos nas artes. Ainda criança, frequentava assiduamente o Centro de Ciências, Letras e Artes (CCLA), em Campinas; o Museu de Arte de São Paulo (Masp); o Museu de Arte Moderna (Mam) de São Paulo; e a Pinacoteca do Estado de São Paulo, lugares onde recebeu sólidas referências e orientação artística. Egas lembra que, com cerca de 9 anos de idade, muitas vezes, sua mãe o colocava sozinho no ônibus com destino a São Paulo para visitar exposições nos museus já citados.

A primeira individual foi em 1960, aos 20 anos, em São Paulo. Aos 22, já dirigia o departamento de pintura do CCLA, onde ensinava pintura para crianças. Ao mesmo tempo, fundou um curso livre para engraxates e jornalheiros no Centro de Ciências e nas praças de Campinas. Por causa disso, foi bastante perseguido pelos censores da ditadura militar, que desconfiavam do trabalho de Egas junto a um público carente, como sendo de doutrinação política.

Egas já expôs em vários Estados brasileiros. No exterior, realizou mostras coletivas e individuais na Argentina, Itália, Alemanha, Holanda, Áustria etc. Atualmente, dedica-se ao seu ateliê em Campinas, e ao ensino de pintura no Conservatório Carlos Gomes, além, claro, de continuar a investigar a rica "fauna" humana das ruas da cidade.

Egas Francisco, a Solidão e o Grito – Abertura hoje, às 20h. A partir de amanhã, das 9h às 17h (segunda a sexta) e das 11h às 18h (sábados e domingos), no Museu de Arte Contemporânea de Campinas (Rua Benjamin Constant, 1.633, Centro, fone: 3236-4716). Até 16/11.

No Grito



*Retrato de um
Menino Hoje Velho,
óleo sobre tela que integra
a mostra que Egas Francisco
inaugura hoje no Museu
de Arte Contemporânea
de Campinas*